

AValiação DA APRENDIZAGEM EM MATEMÁTICA: REFLEXÕES A PARTIR DAS NARRATIVAS DE PROFESSORES QUE ATUARAM NO ENSINO REMOTO DURANTE A PANDEMIA.

Antonio Luis Mometti
IFSP-Guarulhos
antonio.mometti@ifsp.edu.br

Evelyn Dias de Carvalho Cornejo
IFSP-Guarulhos
evelilindias@gmail.com

Thais Galvão Simoncelli
IFSP- Guarulhos
thais_simoncelli@hotmail.com

RESUMO

Esta pesquisa busca investigar os possíveis impactos do ensino remoto na concepção sobre avaliação da aprendizagem de um grupo de professores de Matemática. A pandemia trouxe vários desafios aos docentes frente às adaptações necessárias ao ensino remoto, com a dependência exclusiva das ferramentas tecnológicas e a necessidade de resignificação dos processos de ensino e aprendizagem e, conseqüentemente, de avaliação. Tradicionalmente, na avaliação da aprendizagem em Matemática ainda é muito destacada a prova como instrumento principal e, às vezes o único, para “medir” o conhecimento do aluno. E, partindo dessa hipótese, questionamos como se deu a avaliação durante o ensino remoto com a impossibilidade de aplicação convencional da prova? Como os professores repensaram a avaliação a partir desse contexto? Quais os impactos na visão dos professores sobre suas práticas avaliativas? Enfim, esses são alguns questionamentos que estamos buscando responder com essa pesquisa, essencialmente qualitativa, a partir das narrativas de professores de Matemática que atuaram regularmente durante a pandemia. Ainda em fase de coleta de dados e iniciando as análises, optamos por apresentar aqui as narrativas com as concepções de cada professor sobre o que é avaliação, as quais revelaram uma preocupação constante com a aprendizagem do aluno e, em menor proporção, a possibilidade de reestruturação da prática de ensino.

Palavras chave: Avaliação. Ensino Remoto. Narrativas. Ensino e aprendizagem de Matemática.

1. INTRODUÇÃO

As concepções dos professores, segundo Ponte (1992), são a essência conceitual que determinam o pensamento e a ação, tem natureza diversa dos conceitos específicos, diz respeito

à forma como se pensa, organiza e se vê o mundo, não se restringindo a aspectos observáveis do comportamento, e são de difícil detecção. São as concepções que determinam como as tarefas são realizadas, e nem sempre adequadas, mas condicionam também as atitudes, expectativas e a forma como cada indivíduo se percebe em dada situação.

As concepções, o conhecimento e as crenças que o professor constrói durante do seu processo de formação são determinantes para compreender a sua prática em sala de aula e corroboramos com Ponte (1992) de que as práticas e o contexto social (da pandemia) são determinantes para a ressignificação e reestruturação das concepções e crenças por hora construídas. Nesse sentido, essa pesquisa busca levantar elementos para compreender quais eram as concepções sobre avaliação dos professores de Matemática, participantes da pesquisa, antes da pandemia e, principalmente, se tais concepções sofreram alguma alteração em decorrência da prática imposta pelo ensino remoto.

Segundo Libâneo (2006), a avaliação é uma tarefa didática necessária e permanente do trabalho docente, devendo acompanhar todas as etapas do processo de ensino e aprendizagem. Por meio dela os resultados que serão obtidos tornam-se orientadores de todo o processo, ou seja, são os resultados que indicarão a necessidade de rever e de tomar decisões diante da aprendizagem dos alunos. Para o autor a avaliação é uma reflexão sobre o nível de qualidade do trabalho escolar tanto do professor como dos alunos. É uma tarefa complexa que vai além da realização de provas, deve cumprir suas três funções: pedagógico-didáticas, de diagnóstico e de controle.

A função pedagógico-didática se refere ao papel da avaliação no cumprimento dos objetivos gerais e específicos da educação escolar, com possibilidade de evidenciar as finalidades sociais e atitudinais do ensino. A função diagnóstico ajuda na identificação de progressos e dificuldades dos alunos e da atuação docente, possibilita a avaliação do cumprimento da função pedagógico-didática e dá sentido pedagógico à de controle; essa última refere-se aos meios e à frequência das verificações e de qualificação dos resultados escolares. Essas funções devem ocorrer de forma interdependente. Para Libâneo (2006, p. 198), “a prática da avaliação em nossas escolas tem sido criticada sobretudo por reduzir-se à sua função de controle, mediante a qual se faz uma classificação quantitativa dos alunos relativa às notas que obtiveram em provas”.

A avaliação somente como instrumento para classificação, padronização, ranqueamento, medição e, por vezes, até de punição, a partir de um único instrumento que é a

prova, por hipótese, acreditamos que teve que ser repensado, dado que esse instrumento, nos moldes convencionais de aplicação presencial, foi inviabilizado com o ensino remoto.

Neste contexto, questionamos: 1) Com o ensino remoto, quais foram os meios utilizados para se conduzir a prática avaliativa nas aulas de Matemática? 2) De que forma essas mudanças impostas pela pandemia impactaram na concepção sobre avaliação da aprendizagem dos sujeitos pesquisados?

Buscaremos respostas para essas questões com o andamento da pesquisa, para esse artigo, apresentaremos uma análise sobre as concepções dos professores de matemática já entrevistados sobre avaliação.

2. Metodologia da pesquisa

Buscamos traçar uma análise dos resultados a partir de elementos dos referenciais sobre avaliação da aprendizagem, pautando sempre nos aspectos de uma pesquisa qualitativa. Para o desenvolvimento dessa pesquisa, estamos realizando uma investigação com quatro professores de um curso de Licenciatura em Matemática de uma Instituição pública Federal do Estado de São Paulo, que atuaram regularmente, durante o período de pandemia, pelo ensino remoto. Os dados para análise são obtidos pela gravação em áudio das narrativas dos professores em encontros virtuais marcados conforme disponibilidade dos participantes. Para coletar as informações escritas e em áudio solicitamos aos participantes as devidas autorizações e assinaturas do Termo de Consentimento Livre Esclarecido – TCLE, aprovado pelo comitê de ética.

Como método de pesquisa qualitativa recorreremos à entrevista narrativa, que, segundo Jovchelovitche e Bauer (2002), tem em vista uma situação que encoraje e estimule um entrevistado a contar a história sobre algum acontecimento importante de sua vida e do contexto social. Nos encontros com os pesquisados as narrativas são instigadas a partir de questões norteadoras sobre avaliação da aprendizagem em Matemática de uma forma geral e, em especial, durante o ensino remoto. Para proceder com a entrevista narrativa estamos seguindo as etapas de preparação, iniciação, narração central, fase de perguntas e fala conclusiva, descritas por Jovchelovitche e Bauer (2002, p. 97).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO (parciais)

Até o presente momento foram entrevistados três professores do curso de Licenciatura em Matemática, que denominaremos de P1, P2 e P3. Após a narrativa central, na qual os professores foram convidados a falar como foram as suas práticas avaliativas durante o ensino remoto, fizemos um questionamento na fase de perguntas: O que é avaliação para você em poucas palavras? As seguintes narrativas foram apresentadas:

Ela é parte integrante do processo ensino aprendizagem e é a principal função dela é de retorno, a ideia do que o aluno está aprendendo. Não, não só para que eu faça um acompanhamento da minha aula, mas para que o aluno entenda o que ele precisa melhorar, o que precisa estudar mais. Eu acho que a avaliação para mim é esse retorno. Ela é uma parte do processo de aprendizagem importante e eu acho que isso define em poucas palavras o que é avaliação e a parte do processo de aprendizagem de ver que, para os alunos do que ele está fazendo no processo. (Professor P1)

A avaliação para mim, é medir o quanto na verdade deveria. Deveria medir e me diz quantificar, quantificar a aprendizagem, quantificação da aprendizagem do aluno. Como é que você vai quantificar a aprendizagem através de uma nota avaliação? Quanto que ele aprendeu? Normalmente se dá ou a gente pega a nota para avaliar essa nota? Sete. Normalmente a gente vai dizer nota sete é melhor do que cinco e o cara aprendeu mais do que o outro. Muitas vezes a gente faz a medição de aprendizagem através de avaliação, pelo menos matematicamente eu vejo assim, claro. (Professor P2)

Avaliação, e uma pergunta meio difícil, eu enxergo essa, essa ideia de avaliação, mas pensando em uma forma de conseguir enxergar entre aspas, a evolução que o estudante está tendo durante um determinado período, né, isso seria avaliar, mas como fazer isso? Eu, há vários teóricos que falam muito sobre avaliação, essa é a melhor forma, aquela é melhor forma, mais no curto período de tempo, né. (Professor P3)

A partir das narrativas para essa questão podemos inferir que a avaliação, para os três professores, permite o acompanhamento da aprendizagem dos alunos, numa concepção mais próxima da função diagnóstica e para o professor P1 permite, também, uma avaliação da sua aula: “*para que eu faça um acompanhamento da minha aula*” (Professor P1), o que corrobora com a definição de Libâneo (2006) de que avaliação é uma reflexão sobre o nível de qualidade do trabalho escolar tanto do professor como dos alunos.

Na narrativa do professor P2 está presente a ideia de medição, quantificação e classificação da aprendizagem, a classificação fica explicitada pela fala: “*a gente vai dizer nota sete é melhor do que cinco e o cara aprendeu mais do que o outro.*”, visão mais ligada à função de controle, que não pode ser a única conforme aponta Libâneo, estamos ainda em fase inicial de análises, buscaremos mais elementos nas narrativas dos professores, principalmente quando

falam espontaneamente sobre a avaliação durante a pandemia para poder realizar análises mais profundas em relação às concepções de cada um.

Para o professor P3 a questão do tempo é muito relevante e, para ele só os instrumentos convencionais como a prova não são suficientes para avaliar o processo de desenvolvimento do aluno, que deve ser acompanhado por um longo período de tempo.

Eles pedem dois ou três instrumentos de avaliação no mínimo distintos, para que a gente possa avaliar os estudantes. Mas esses, essa avaliação são provas, resenhas. Alguma coisa desse tipo, que a meu ver, não avalia nada então, mas eu acho que isso, seria um processo de desenvolvimento do estudante. A avaliação tinha que verificar isso. (Professor P3)

Nesta fala podemos identificar a percepção do professor sobre avaliação mais próxima de um processo formativo, valorizando a avaliação formativa em detrimento da somativa, que é pontual como numa prova tradicional, por exemplo.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apresentamos aqui apenas um recorte da análise, teremos mais entrevistas narrativas e estamos buscando elementos para responder às nossas questões de pesquisa, principalmente sobre como as práticas avaliativas foram impactadas pelo ensino remoto e se isso provocou, de fato, mudanças na forma como os professores avaliam atualmente no ensino presencial.

Albuquerque e Gontijo (2013) buscaram investigar, numa pesquisa colaborativa, as concepções de um grupo de professores de Matemática dos anos finais do Ensino Fundamental acerca da avaliação da aprendizagem e concluíram que o que prevalece é a concepção de avaliação como classificação e como forma de padronizar resultados.

Neste contexto, compreendemos que discutir sobre avaliação no curso de formação inicial de professores de Matemática é fundamental para que os futuros professores possam compreender a importância da avaliação para além do instrumento prova no ensino e aprendizagem da Matemática.

6. REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, L. C.; GONTIJO, C. H. **Concepções apresentadas por professores de matemática acerca da avaliação da aprendizagem.** Anais do XI Encontro Nacional de Educação Matemática, 2013, p. 1-16
- JOVCHELOVICH S, BAUER MW. Entrevista Narrativa. In: BauerMW, Gaskell G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático.** Petrópolis: Vozes; 2002, p. 90-113.
- LIBÂNEO, J. C. **Didática.** São Paulo: Cortez, 2006.
- PONTE, J.P. Concepções dos Professores de Matemática e Processos Formação. In: **Educação matemática: Temas de investigação,** p. 185-239, 1992, Lisboa, Portugal.